

JOSÉ AUGUSTO :
A MERECEIDA HOMENAGEM
NO 80º ANIVERSÁRIO



Silva, José Augu
R

Edição da Tertúlia Barcelense

22 de Dezembro de 1999

O NATAL E A TERTÚLIA

JOÃO VALE FERREIRA

Nos alicerces do erigir da *Tertúlia* encontram-se dez princípios - valores.

1. A *Amizade* é o primeiro.

O homem e a mulher da *Tertúlia* devem cultivar a *Amizade*.

Seguirão, por certo, o conselho de Cícero : "Ego vos hortor ut amicitiam omnibus humanis rebus anteponatis" – exorto-vos a que anteponhais a amizade a todas as coisas humanas. (De Amicitia, XXVII, 102).

Ouvi, há mais de 30 anos, na Rádio, esta verdade intemporal:
Amigo é aquele que nos bate à porta, quando todos nos abandonam.

Por causa da Amizade, veio Cristo ao mundo.

Por causa da Amizade, houve Mártires, Heróis e Santos.

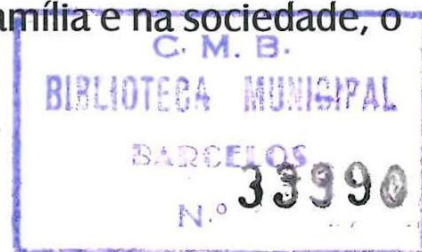
2. *Alegria* : Não pode, porém, acontecer amizade, sem a *alegria*, o bom humor.

Um distinto escritor espanhol, num livro maravilhoso, redigido em linguagem empolgante, traça-nos estas palavras encantadoras : "Não te riste ontem nenhuma vez? Desperdiçaste o dia. Estar alegre para não pecar. Sorrir para que a alma viva. Os mundos estão abertos ao sorriso franco do cristão.

Homens da Esperança! Cultivai o bom humor, fomentai essa virtude, que se aproxima o momento de revelar ao mundo o segredo profundo, o poderoso germe que há-de guiar, com a sua força, os séculos do futuro.

Assim, falou Jesus Orteaga, em "*O Valor Divino do Humano*".

Perante Amigos, Colegas, Colegas-Formandos, Docentes-Estagários e Alunos sempre defendi que, na profissão, na família e na sociedade, o bom humor só fomenta o positivo.



Ouvi, há pouco tempo, em São Paulo, Brasil, a um grande Responsável da *Telesp - Telecom* que, sem bom humor, seria impossível o excelente êxito atingido pela Empresa, nos últimos meses.

... Eu creio ... sem hesitações.

3. O terceiro valor é de ouro : *a humildade*.

Quem não admira a *humildade* do nosso irmão Francisco de Assis?

Quem não sente fastígio por essa alma alvinitente que sempre quis servir os outros?

Quem não se sente atraído pela melodia do canto, entoado por S. Francisco?

... Que falem os poetas ... sem esquecer Miguel Torga.

Por nós, diremos :

S. Francisco de Assis

Adoro, irmão Francisco, a melodia
Do teu canto
E a ternura profunda, alvinitente,
Da humildade,
Que, longamente,
Constantemente,
Em dimensão de poeta,
Te elevaram
À heroicidade.

Para mim, irmão Francisco,
Dos maiores foste o segundo:
Tingiste o próprio trovisco
De um horizonte jucundo.

És poeta do fraterno,
Numa extensão de eufonia.
És a síntese do Eterno,
A essência da Poesia.

4. O quarto princípio do associado é o do *carácter*, da *personalidade*.

O homem da Tertúlia é do *sim, sim; não, não*. Não tergiversa. Enfrenta. Risca o vocábulo *hipocrisia*. A transparência e a honestidade coabitam.

Um dos maiores elogios que Cristo fez foi a um homem de frontalidade, de carácter – João Baptista.

“Entre os filhos nascidos de mulher, não há profeta maior que João” – garantiu Jesus.

5. *Tolerância*

A tolerância é uma constante do membro da Tertúlia.

Há quatro espécies de homens :

- Os que pagam o bem com o mal : são os malvados.
Encontram-se nesta classe :
 - Os que pagam o bem com a soberba e/ou o orgulho : são os mesquinhos, os vazios de espírito;
 - Os que pagam o bem com a indiferença e/ou o esquecimento : são os ingratos.
- Os que pagam o mal com o mal : são os vingativos, os sem-ternura, os sem-verso.
- Os que pagam o bem com o bem : são os justos;
- Os que pagam o mal com o bem : são os santos.

O homem da Tertúlia é tolerante; jamais será vingativo, soberbo ou

mesquinho. Nem pensar na malvadez.

6. O sexto valor é o da *Cultura*.

- Os homens e as mulheres da Tertúlia devem desenvolver-se, intelectualmente.

Impõe-se saber mais. Estudar mais.

Há necessidade de atingir o melhor no espírito e na saúde do ser humano.

Mens sana in corpore sano é o sexto objectivo : *mente sã num corpo são*.

7. *Humanidade* é princípio elevado. Sem humanidade não há Tertúlia.

Humanidade até à exaustão
Do desejo sonhado na distância ...
Até que este bater de coração
Atinja os altos cumes da fragrância...

Humanidade em verso de loucura,
Em tom suave, em gesto de balada,
Até que o sentimento da ternura
Povoe toda a alma amargurada.

Humanidade cheia de eufonia
No belo alvinitente do luar:
Até sentir a voz da penedia,
No silêncio gritante, verde-mar...

8. *União* : Os membros da Tertúlia são fomentadores da aliança ...

Sem união, quebram-se as famílias e as instituições, caem os governos e os países.

Fenece a paz, a quietude.

O ser humano torna-se lobo ou tigre do outro ser humano.

Lembremo-nos da parábola dos sete vimes. Toda a gente a conhece.

Tenhamos presente esta secular verdade irrefragável : “a união faz a força”.

9. *Intervenção*

O membro da Tertúlia terá de ser um *interventor* nas reuniões, no meio,

para que haja melhor nível de vida,
para um maior desenvolvimento das populações,
para que possamos possuir mentes mais sadias.

Daí que, nos encontros da Tertúlia, todos podem intervir.

Mas... há sempre um *mas*... é imperativo que o associado se prepare: estude, analise o assunto, antes de falar. Caso contrário, pode cair na banalidade, em lugares comuns.

10 . *Germe do poema*

Para pertencer à Tertúlia, é inadiável, enfim, possuir o germe do poema

que é feito de sol, luar, vida, dignidade,
sonho
\risonho,
tristura
ternura,
vento, delicadeza, melodia,
expressividade,
diálogo, trabalho,
antimesquinhez,
pedagogia.

Bem-amadas / mal-amadas

À semelhança da inspiração épica e da confiança lírica, que são mal-amadas pelos governos, também as tertúlias "precisam" dos homens do poder.

O dinheiro é da colectividade.

Ao longo dos séculos, a história regista momentos vincadamente de apogeu.

Basta lembrar a Grécia de Péricles,
a Roma de Augusto,
as Cortes provençais,
a Florença dos Médicis.

Agora, aqui, as tertúlias necessitam do empenho
dos Péricles actuais,
dos Augustos actuais,
das Cortes provençais actuais,
dos Médicis actuais.

Amigos,

Na sequência dos dez princípios criadores da Tertúlia, visitámos, no dia 11 de Dezembro, os que abundam na carência e no isolamento.

Emergiu oração ao visitar os pobrezinhos.
Embalámos ternura ao receber as suas lições.
Desdobrou-se o encanto
Santo,
O roseiral,
Ao dar o cumprimento,
O abraço de quietude,
Aos mais envergonhados,
Aos marginalizados,

Aos esquecidos,
Aos espoliados,
Aos sacrificados,
Aos doloridos
Aos escorraçados
Do mundo,
Da família, da sociedade.

Foi riqueza darmos...
O gesto de bênção
Do seu acolhimento
E do seu agradecimento
Penetrou nas entranhas
Como se amanhecessem façanhas

Da Távola Redonda,
Ou dos Descobrimentos,
Ou das ternas, suaves Bretanhas.

Mas foi também,
Algumas vezes,
Momento de tristeza.

Aqui e além, sentidamente,
Uma lágrima teimosa
Queria deslizar...

... Por exemplo, na casa- tugúrio minúscula daquele homem de 60 e tantos anos...

Uma cozinha não-cozinha,
Uma cama anticama,
Um quarto-de-banho sem o ser.

Este homem, por exemplo, necessita da nossa ajuda ... Precisa de um lar. É imperioso arranjar-lhe existência condigna.

Não vou desdobrar todos os 17 casos das famílias, que visitámos.

Quero vincar, nesta celebração natalícia :

Não acreditem nos *falsos profetas*, que dizem, por aí, que não há pobreza, que não há miséria em Portugal. As duas estão, naturalmente, bem perto de nós.

Acreditem, antes, na palavra eterna de Cristo, há 20 séculos :

Pobres sempre os tereis convosco.

Amigos,

Neste Natal,

A pobreza do nascimento de Jesus,

O tiritar de frio do Menino do presépio,

O abandono das autoridades de há dois mil anos,

A falta de solidariedade para o Divino Infante de Belém

Eu vi-os estampados,

Marcados

Dolorosamente, copiados,

Nos pobres, que visitámos,

Onde deixámos,

Além dos cabazes,

Palavras de paz e de bonança,

Porque sentimos fé

Num sempre moço ressurgir da Esperança.

Disse.

(Intervenção proferida no jantar de Natal da Tertúlia Barcelense, no dia 18 de Dezembro de 1999)

NOTAS BIOGRÁFICAS

José Augusto Pereira de Jesus da Silva – o nosso José Augusto - nasceu, às dez horas e trinta minutos, do dia 22 de Dezembro de 1919, numa casa do Campo de S. José, da freguesia de Santa Maria Maior, da então Vila de Barcelos.

É filho de José Maria de Jesus, na altura empregado comercial, natural da Vila de Barcelos e de Maria Bernardina Pereira, doméstica, natural da freguesia de Abade de Neiva, concelho de Barcelos, ambos domiciliados no Campo de S. José.

É neto paterno de Basílio Augusto de Jesus e de Rita da Conceição da Silva e materno de Francisco Pereira e de Teresa de Jesus.

Casou com Nídia de Azevedo Bandeira, natural de Afife, concelho de Viana do Castelo, na Igreja daquela freguesia, em 20 de Junho de 1943.

Depois de ter feito a instrução primária na escola da D. Lucília Nunes, frequentou o Colégio de Barcelinhos, onde completou o terceiro ano.

Mais tarde, consegue trabalho no Tribunal Judicial de Barcelos, empregando-se, depois, no Porto, na Livraria Bertrand. Em 2 de Janeiro de 1945, fundou, em Barcelos, a Livraria Atena, na rua Direita, casa que sempre acarinhou os livros dos principais vultos da literatura nacional e estrangeira.

Desde essa altura, que se começou a interessar pela cultura, e muito especialmente, pela literatura, “devorando” livros e relacionando-se com escritores e intelectuais. Fez teatro, foi orfeonista, jogou futebol no Gil Vicente e foi árbitro de futebol.

Nos finais dos anos 40, criou, com amigos, em “O Barcelense”, a “Página dos Novos” que morreu ao nascer porque a censura não via com bons olhos a sua colaboração. Depois, desde 24 de Junho de 1950, com o pseudónimo de J. Arnaldo (para enganar a censura e o director do periódico), publicou, no referido jornal, uma série de artigos sobre assuntos culturais, travou uma polémica sobre o neo-realismo e escreveu um artigo sobre a poluição. Com ele concorreu ao Prémio da Imprensa da Campanha de Conservação da Natureza e Defesa do Meio Ambiente,

tendo ganho uma das Menções Honrosas que havia como prémios, pois além delas, só havia o 1º Prémio que foi ganho pelo programa "Rádio Rural" difundido pela antiga Emissora Nacional. A sua colaboração em "O Barcelense" ainda hoje se mantém.

Daquela altura, registe-se ainda o envio de um conto para a "Vértice", que lhe respondeu coisas muito lindas, mas mostrando-lhe a impossibilidade de o publicar, por razões de censura, o que o levou a escrever para a gaveta. No entanto, viu, mais tarde, um conto seu publicado no "Jornal de Notícias", em 11 de Outubro de 1985 e em "O Globo", em 28 de Setembro de 1986. Em 1994, foi convidado pela Câmara Municipal de Barcelos, a escrever para a colectânea de contos de autores barcelenses, "Pedras no Rio do Tempo", publicando "As metralhadoras matam a poesia".

Tem colaborado em alguns semanários e revistas, entre os quais, "O Novo Fangueiro", desde 1988 a 1989, o "Jornal de Barcelos", desde Janeiro de 1989, com a crónica "Conversas no Café" escrita sob o pseudónimo de Hermes Júnior, e "A Voz do Minho", desde Abril de 1991. Foi fundador do semanário "O 25 de Abril/74", no qual era o redactor principal.

Em 16 de Dezembro de 1990, encerrando o ciclo de colóquios "Falar Barcelos" daquele ano, organizados pela Biblioteca Municipal, falou de "A Volta ao Mundo de Barcelos em 60 anos e tal..."

Como membro do Rotary Clube de Barcelos, de que é fundador e companheiro Paul Harris e companheiro 100%, escreveu as Histórias do Clube e obteve o 1º Prémio no concurso "Escreva a História do Rotary Clube de...". É ainda fundador e director do seu Boletim, além de ter feito dezenas de palestras em vários clubes rotários.

Na defesa da liberdade e da cidadania, sem nunca ter estado filiado em nenhum partido político, escreveu manifestos que foram distribuídos pelo país. Desde o primeiro discurso que fez em Gândara do Lima (Ponte de Lima) nas campanhas de Norton de Matos até ao 25 de Abril, interveio em todas as manifestações locais.

É membro da Tertúlia Barcelense e do Instituto Português de Imprensa Regional – IPIR e fundador do grupo "Amigos de há 40 anos", do qual também faz parte.

Texto de Victor Pinho, com base em elementos fornecidos pelo autor



José Augusto, aos 21 anos de idade

SEGREDOS DA MINHA LONGEVIDADE

Qual é o segredo de eu ter chegado até aqui em bom estado? Em bom estado, quero dizer : sem grandes problemas físicos, mexendo-me bem, e sem estragos, aparentes, na mentalidade. Os meus amigos admiram-se de , com esta idade, comer bem e beber razoavelmente. E eles, e muita outra gente, espantam-se, às vezes, pela actividade intelectual que eu tenho. Não porque essa actividade seja de grande qualidade, mas é um pouco intensa.

O que é certo, é que eu participo em tudo com entusiasmo e dou bastante de mim ao que pertença : Rotários, Os Amigos de há 40 anos, o 6º Clube e a nossa Tertúlia Barcelense. Além disso, colaboro em dois jornais cá da terra; para eles, todas as semanas faço reportagens ou dou notícias. Não esquecer as minhas “Conversas no Café” que, sem falhar um único número, todas as semanas publico há 9 anos, o que, na opinião do escritor José Cardoso Pires, que a emitiu quando conversava comigo e com o nosso tertuliano Vítor, era de espantar.

Mas, afinal, qual é o segredo que me permitiu ainda estar vivo, lúcido, glutão, e capaz de dançar horas com a Tânia?

Cá por mim, julgo que tudo devo a ter vivido sempre com alegria e nunca ter bocejado em minuto algum. Naturalmente que tenho tido as minhas dores de cabeça, os meus problemas (quase só por falta de dinheiro) mas nunca me aborreci por não saber o que fazer; posso dizer que nunca sofri qualquer tédio. Andei sempre desde rapaz, atrás de aventuras. Devia ter seis anos de idade quando fui expulso da Dona Isaurinha onde estava a soletrar as primeiras letras. E porquê? Porque andava por entre as carteiras a espreitar por debaixo das saias das meninas. Aos 15 anos tinha uma namorada em Braga; um dia fui lá visitá-la; perdi a camionete, fiquei perdido, com medo de meu pai. Por acaso, ia a passar o Emílio Moreira, de carro, que me viu e trouxe-me. Já antes, uns anos atrás, eu devia ter onze ou doze anos, fui com a “cruzada” a uma peregrinação ao Sameiro, fugi do grupo, vieram encontrar-me no centro da cidade de Braga. Mas eu não vou contar os episódios deste género, pois nunca mais acabava. O que quero dizer é que estive sempre activo.

Aos 16 anos jogava futebol nas primeiras do Gil Vicente; por essa altura, era um bom praticante de pingue-pongue. No primeiro torneio em que entrei, fui expulso na 1ª raquetada que dei. Ao bolar, em vez de dizer “bolo”, disse : “aí vai mosca”. Mais tarde, fui repescado e ganhei os jogos todos. Por esses anos, houve uma corrida pedestre; eu nunca tinha entrado em qualquer corrida, mas foi preciso que eu entrasse a fazer equipa com o Zeca Lázaro. Treinei-me e fiquei em 3º lugar.

Daí para cá, eu tenho vivido sempre no meio das pessoas, a conviver, a participar. Porque a alegria que eu sinto em viver, leva-me, exactamente, a andar na ribalta. Ribalta? Ah! Também fui actor, não só no Colégio de Barcelinhos, no Círculo Católico e no “Ai que treta se Mariquinhas” que foi um êxito e se representou várias vezes no Teatro Gil Vicente.

Ora é aí que está o segredo da minha existência ainda ser invejável para muitos : a alegria de viver! Eu suponho que esta alegria me matou muitas doenças, não as deixou desenvolverem-se. Estou a lembrar-me duma história autêntica que li, há perto de quarenta anos, nas “Seleccões”. Um sujeito que nunca tinha ido ao médico porque nunca se queixou de problemas alguns que o obrigassem a isso, foi atropelado e morreu. Fizeram-lhe a indispensável autópsia e os médicos verificaram que ele tinha várias marcas que indicavam ter tido algumas doenças que se curaram por si. Soube-se, então, que o homem era um indivíduo alegre, bem disposto. E foi essa alegria e essa boa disposição que lhe eliminaram as doenças que podia ter tido. Perceberam?

Por outro lado, eu nunca me preocupei com a velhice quando ela começou a dar sinais de vir a caminho. Há gente que se assusta quando ela está para chegar e, quando chega, tenta dar aos outros a ideia de que ela nada quer consigo. Eu nunca tive medo dela. Sempre pensei, como o John Barrymore, actor norte-americano, que viveu de 1882 a 1942, um dos mais famosos de toda a história do cinema. Dizia ele que “Um homem só é velho quando as lamentações começam a tomar o lugar dos sonhos”. É que eu, quando já não podia voar até às estrelas, passei a agarrar as flores do jardim que me estavam à mão. Se não me é permitido agarrar a lua, hei-de encontrar, à volta de mim, algo de interessante, nunca deixo de sonhar!

Num livro de autor desconhecido, traduzido por Camilo Castelo Branco,

“Cenas da Hora Final” diz-se que “os velhos são, pelo ordinário, indolentes por temperamento”. Serão? Eu não! Vocês conhecem-me, sabem como ando sempre na crista das ondas. Não há serão cultural que se realize no Auditório da Biblioteca ou no Auditório Municipal, a que não compareça. Da mesma maneira que nunca falto ao convite de um amigo para... uma... jantarada.

Aliás, está provado que os velhos ganham mais motivação para a sua vida. Segundo Philip L. Berman, autor do livro “The Courage to grow old”, os velhos, como sabem que o tempo é cada vez menos, tratam de o aproveitar. Sim! Eles sabem, como escreveu Montaigne, que “na idade de 20 anos não se contam os anos; na idade de 60, contam-se os dias”. E toca a aproveitá-los. E é o que eu estou fazendo. Como os deuses sempre me protegeram, e permitiram que eu vivesse plenamente esta minha vida de perto de 80 anos, cada dia que passo tenho de o desfrutar o melhor possível.

Em resumo, só há velhice quando o homem vira as costas à vida. Se não virar, ele tem muito a receber. A receber e a dar. Dar à própria humanidade. Não esqueçamos, por exemplo, que o Goethe acabou de escrever o celeberrimo “Fausto” aos 82 anos; Rossini terminou a sua “Missa” quando se acercava dos 90 anos de idade; e Ticiano pintou “A Batalha de Lepauto” aos ... 98 anos!

E eu? Eu não deixo nada para a História, mas espero que, quando deste mundo partir, vocês se recordem que os tive sempre no coração. É o que lhes deixo : a amizade que sempre lhes dediquei.

Estou para terminar, mas antes queria que ouvissem uma poesia de que muito gosto para , a seguir, deixar um recado.

A poesia é do brasileiro Manuel Bandeira e chama-se Profundamente.

Agora, caros amigos, só pretendo que, quando eu estiver como aqueles, dormindo, deitado, dormindo profundamente, vocês pensem em mim como alguém que se sentia feliz por ter amigos tão bons como vocês.

Conferência proferida na Tertúlia Barcelense, em 1998

PROFUNDAMENTE

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas
Luzes de Bengala
Vozes cantigas e risos
Ao pé de fogueiras acesas

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam errantes
Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel

Onde estavam os que há pouco
Ousavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

- Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim das festas de São João
Porque adormeci.

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo

Minha avó

Meu avô

Totónio Rodrigues

Tamásia

Rosa

Onde estão todos eles?

- Estão todos dormindo

Estão todos deitados

Dormindo

Profundamente.



José Augusto, na idade madura

ENTREVISTA À SIC PARA O PROGRAMA "MEMÓRIAS DO SÉCULO XX"

As minhas primeiras recordações políticas, reportam-se aos tempos da Guerra Civil de Espanha em que eu ainda estava impregnado de educação fascista. Tinha eu 16 anos.

Assisti às manifestações promovidas pela Câmara Municipal para repudiar os conspiradores da sargeta. Referia-se aos que tinham posto bombas num boeiro para matar o Salazar quando ia para a missa. Os manifestantes paravam em frente ao desaparecido Quiosque do Galo, que tinha fama de ser frequentado só por opositores ao regime e gritavam: abaixo o revirinho.

Por essa altura, também recebi, de graça, um bilhete para ir no comboio especial ao Porto para me juntar aos outros que foram de todo o Norte para manifestação com o mesmo objectivo.

Quando chegou a 2ª Guerra Mundial, já eu tinha percebido o que era o Estado Novo. E em princípios de Dezembro de 1944 fui preso pela PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado) o nome anterior da PIDE, o que me aconteceu, simplesmente, por terem-me apanhado uma carta escrita a um amigo, preso antes de mim, na qual eu falava das misérias do mundo. Estive 3 semanas incomunicável. Não só não podia receber ninguém, nem família, nem nada, nem livros, nem jornais, absolutamente nada.

Em 1948, aparece a candidatura à Presidência da República do Norton de Matos a que aderi logo e que me leva a fazer o meu primeiro discurso político. Fi-lo, exactamente, em Gândara do Lima (Ponte de Lima), terra natal de Norton de Matos. Ao chegar à vila, tropas por todo o lado com armas à vista; até metralhadoras estavam montadas. Para assustar os que sonhavam com a democracia...

Depois, o General veio ao Porto aonde fui, também de comboio, mas desta vez à minha custa... Em Fonte da Moura onde se desenrolou o comício, calculou-se que tinham estado mais de 200 mil pessoas.

Concorri para a propaganda de Norton de Matos com um panfleto que foi copiado noutros distritos e que mereceu a crítica azeda do jornal lisboeta "A Voz".

Em Fonte da Moura ouvi um discurso do Manuel Mendes, jornalista que me assombrou.

A partir daí, intervim em todas as campanhas eleitorais. Inscrito no MUD e, mais tarde, no MDP/CDE, fiz parte das Comissões locais que apoiaram a candidatura à Presidência da República e à Assembleia Nacional, desde o Almirante Quintão Meireles ao General Humberto Delgado e às parlamentares, pelo que assisti a todos os comícios que se fizeram no Teatro Circo, de Braga, e a outros feitos no Teatro Jordão, de Guimarães, Teatro Sá de Miranda, de Viana do Castelo, e Teatro Garrett, da Póvoa de Varzim, todos eles sempre à cunha tal era o entusiasmo que dominava as pessoas que queriam ouvir falar de Liberdade. E é claro, também nos que se fizeram em Barcelos.

Em Braga, Guimarães e Viana os comícios foram sempre interrompidos pelo representante da autoridade que não permitia que os oradores falassem do que ele não queria.

Numa das últimas sessões do Teatro Circo, quando o Vítor de Sá se insurgiu contra a Guerra Colonial, o representante da autoridade suspendeu a sessão, e então um assistente saltou furioso para o palco com um pau na mão e dirigiu-se para o capitão. O que lhe valeu é que caiu na caixa de ponte

Em todas as sessões, tive o prazer de ouvir a palavra entusiasta e sincera de grandes defensores da Liberdade, como Eduardo Ralha, Rui Luís Gomes, que também foi candidato à Presidência da República, e Carlos Cal Brandão que organizou, quando estava preso como vagabundo, em Timor, ele um advogado irrepreensível, a resistência aos japoneses que invadiram a ilha.

Entretanto, chegámos ao Humberto Delgado. A 1ª vez que veio ao Porto, fui dos primeiros a abraçá-lo quando desembarcou do avião. Quando veio ao Porto da 2ª vez, foi um espectáculo a que nunca mais assisti parecido.

A Avenida dos Aliados, e todas as ruas adjacentes, como a Rua

de Santo António (a de 31 de Janeiro), Clérigos, estavam tão repletas de povo que era difícil andar.

E nunca me diverti tanto! Quando, após o discurso do Homem Sem Medo, na varanda da sede sua, na Praça Carlos Alberto, e o jantar, me dirigi para o Coliseu, onde havia o Comício, era tanta a gente a querer entrar para esse cinema, onde já não cabia mais ninguém, que partiram todos os vidros do rés-do-chão.

Aí começou a festa... Milhares de pessoas em Passos Manuel, em Santa Catarina e em Sá da Bandeira, com gritos constantes à liberdade, vivas ao General, e a Guarda Republicana a cavalo à espadeirada nas ruas, e... dentro dos cafés, e a polícia pelos passeios com os cassetetes em movimento. E eu ? Eu, durante duas horas, desde o Café Palladium até perto do Café Rialto, pelo passeio do lado do Ateneu, fartei-me de dar os meus vivas, subindo e descendo, descendo e subindo. Enquanto muitas mulheres perderam os sapatos a fugir da polícia e outros foram parar ao hospital a sangrar, a mim nada sucedeu. E porquê ? Parece brincadeira minha, mas é verdade. Quando a polícia se aproximava de mim, dirigia-me imediatamente ao homem e, gentil, perguntava-lhe : "Senhor guarda : posso ir para diante?". E ele, espantado com tanta gentileza a que não estava habituado, respondia : - "faça o favor".

Mas a festa continuou no Porto, por largas semanas. Digo festa porque a luta contra o fascismo e o protesto contra a fraude da eleição, mesmo desafiando e enfrentando as armas dos polícias, decorreu em ambiente de festa. Sei isso porque eu, ao fim da tarde, fui todos os dias para o Porto, onde assisti ao espectáculo diário dos estudantes do secundário andarem nas ruas a vitoriar o Humberto Delgado, enfrentando, a rir, as pistolas e os cassetetes da polícia. O pior foi quando apareceram os carros-tanques de anilina, uma surpresa, que não só encharcavam de água, como pintavam as pessoas de azul. Evidentemente que os pobres transeuntes que ali passavam para, apenas, irem para casa, eram vítimas como os outros.

Quando o Delgado veio a Barcelos, um mar de gente inundou a Praça do Município onde eu e outros elementos da Comissão de Apoio à Candidatura do General, nos fixámos ao pé da estátua do D. António

Barroso. Uma hora depois soubemos que a Polícia tinha interceptado a viagem do Delgado e impedido que viesse a Barcelos.

Dali a dias, houve as eleições. A pouca vergonha, a ladroeira foi tão grande, que ainda há uma semana um amigo, hoje defensor da democracia, me disse que na altura, era ele funcionário municipal, até os mortos votaram no Tomás...

Pouco tempo depois, voltei a ser preso por ter distribuído um panfleto em que o Humberto Delgado acusava o Américo Tomás de ser conivente com a fraude que o pôs no lugar de Presidente. Mais 20 dias incomunicável, mais um tempo junto com outros presos e... pronunciado por crime contra o Estado e ter de responder no Tribunal Plenário o que era assustador. É que mesmo depois de cumprida a pena de prisão, fossem os anos que fossem, um indivíduo podia estar sujeito às medidas de segurança : continuar preso os mesmos anos e... repetir. Felizmente, porque levei comigo as forças vivas da cidade, consegui ser absolvido.

Antes, já tinha sido novamente preso, embora por poucas horas. Em Braga, na casa dum democrata, estávamos a tratar das eleições para deputados, no tempo do MDP-CDE e da CEUD, em 1969 nós éramos da CDE, às tantas apareceu lá uma carrinha cheia de polícia que nos levou para o Governo Civil onde estivemos umas horas. As autoridades recearam um pouco, o que não era normal, os protestos dos advogados, que também eram presos, Soeiro e Lino Lima que, sob o pseudónimo de José Ricardo, conta o episódio no seu livro "Romanceiro do Povo Miúdo".

Foi uma vida, desde que me apercebi das injustiças da sociedade, de revolta e de luta.

Valeu a pena, apesar das perseguições que me fizeram. Eu tinha uma livraria e as repartições ligadas à política, como a Câmara, nada me compravam.

Nas alturas em que a política estava mais acesa, inventavam de mim coisas incríveis e o boato corria célere. Dois desses eram : Quando o regime virasse eu prometia que ia fazer da Igreja Matriz uma cavalaria; e do Templo do Senhor da Cruz ia fazer um Salão de Baile. É evidente que eu não disse absolutamente nada que pudesse pensar-se isso.

Para aí há uns 51 anos, eu e alguns amigos pensámos criar no periódico "O Barcelense" a "Página dos Novos". Pois o meu artigo "Uma carta para Garcia" que podia ser publicada num Boletim Paroquial, foi totalmente varrido. O nome de José Augusto era perigoso e o que escrevia tinha de ser sufocado.

Em resumo, o Estado Novo foi sempre, do princípio ao fim um regime onde tudo era proibido.

Parece mentira, mas é verdade : o Hilário Barreiros, porque trazia na lapela do casaco um pequeno distintivo das armas nacionais, o escudo, como o que vem na Bandeira Nacional, foi chamado à Administração, censurado e intimado a não o usar.

O João da Oficina, que organizava espectáculos públicos de Carnaval, quando no Teatro Gil Vicente, ele vestido de Primo do Rivera, deu um Viva à República, foi preso.

O mesmo aconteceu ao Firmino Russo quando num 5 de Outubro deu, na rua, outro viva à República.

O Conde de Vilas Boas, administrador do Concelho, quando alguém fazia qualquer coisa que não lhe agradasse, como por exemplo, pôr-se em cima do paralelepípedo que ainda não tinha sido colocado na rua, mandava-lhe rapar, rentinho, o cabelo.

Na 2ª Guerra Mundial, era proibido ouvir (e emitir) a BBC.

Quando eu ia a Espanha, lá era vigiado; percebi bem.

Um dia, um viajante, carregado com duas malas, vinha da Estação da C.P. pelo Campo da Feira abaixo. Mais acima, era a sede da Legião Portuguesa e, no momento, estavam a saudar a bandeira. Pois o Comandante viu que o homenzinho não parou, lá longe, para respeitar a bandeira, e mandou-o prender.

Sem falar daqueles meus amigos que ficaram em maus lençóis porque os pais, por uma questão de princípios, se recusaram a assinar as declarações de que não pertenciam à maçonaria nem perfilhavam ideias subversivas. Perderam o emprego.

Na Assembleia Barcelense, uma certa noite, um grupo cultural do Porto deu ali um sarau. Os fascistas estiveram atentos. E quando ouviram o conto do Saroyan, "Um lindo idílio à antiga, com versos de

amor e tudo" ficaram em polvorosa e, no dia seguinte, conseguiram que a PIDE viesse fazer o seu trabalhinho. Não prenderam ninguém mas fartaram-se de incomodar os dirigentes da Assembleia e de os ameaçar.

Mas para além de prepotentes, irracionais e maus, eram hipócritas: Eu passei anos e anos a inscrever-me nos cadernos eleitorais e era sempre cortado. Reclamava, até que um dia me disseram que a culpa era minha, porquanto quando requeresse a inscrição o devia fazer num requerimento em duplicado. Foi o que fiz. Contudo, quando fui votar, continuava riscado!

Por outro lado, assisti a cenas de homens corajosos que não sufocavam a sua revolta.

Da 1ª vez que fui preso (pela PVDE) enquanto eu estava à espera de ir a perguntas, apareceu um inspetor com outro preso. O Pide mandou-lhe tirar a gravata. O preso resmungou e não a tirou. O Pide furioso ameaçou-o e ele, a custo, lá tirou a gravata. Mas o maldito tinha de se vingar da ousadia e, então, mandou-o tirar os sapatos. Nunca vi nos olhos dum homem tanta revolta, tanto desespero pela sua impotência perante a tirania. Mil anos que eu viva, jamais esquecerei a humilhação que ele sentiu.

E o Elias? Um valente! Miúdo de físico, parecia um gigante a falar de política. Trabalhava na EFACEC e promoveu na fábrica uma greve. Na altura, depois de eu sair da incomunicabilidade, estava lá um preso, engajador, que sempre que vinha do interrogatório ficava como morto. No entanto, parecia que numa feira era capaz de derrubar todo o mundo à pancada. Pelo contrário, o Elias vinha sempre arrogante. Eu conversava toda a noite com ele por conviver com o Soeiro Pereira Gomes, o autor de "Esteiros", outro lutador pela liberdade e pela justiça, social. Dizia-me ele que já se tinha recusado a assinar o auto por não dizer a verdade, ameaçando atirar para a rua, pela janela, a máquina de escrever. Claro que o fartavam de pancada.

Este era o regime que nos fazia temer, quando tocava a campainha de casa, que em vez da leiteira nos aparecesse a PIDE.

Entrevista dada à S/C, na Biblioteca Municipal de Barcelos, em 1999



José Augusto dançando com a esposa, D.Nídia Bandeira

ELEGIA AO LIVRO

CONVERSAS NO CAFÉ

Mesmo depois de ter tomado o meu café, o piscar dos meus olhos denunciava, a quem estivesse atento, que eu tinha dormido pouco. Por isso não me admirei que um amigo me interpelasse, desconfiado:

- Por onde andaste esta noite?
- Nem saí de casa.
- Quê? Tens cara de quem não dormiu.
- Lá isso é verdade.
- E então?
- Então, é simples: passei a noite a ler.
- Toda a noite? - ele estava espantado.
- Sim.
- É preciso ter pachorra.
- E não te aborreceste? - perguntou outro amigo.
- Aborrecer-me? Foi do tempo que melhor passei na minha vida.

Sempre que um livro me apaixona, fico preso a ele, e por muito que o sono me aperte, não consigo pô-lo de parte.

- Mas não fazes isso todas as noites, suponho.
- Claro que não. O livro tem de ser especial para que aconteça ficar uma noite inteira a lê-lo.

- Que tolice! - resmungou ele. - Passar uma noite a ler. Se ainda fosse a ver televisão.

- Tolicie é o que dizes - retorqui.

- Chixa! Eu não era capaz de gastar uma hora a ler. Mais : se os livros não existissem, não me faziam falta nenhuma.

- Incrível! Já viste que sem livros, o mundo não progredia, não se registavam os conhecimentos e, assim, não se acumulavam, perdiam-se de geração para geração? Vivíamos como selvagens. E a Humanidade não teria o deleite de ver Shakespeare representado, nem de ler Tolstoi ou o Padre António Vieira. E não haveria "Os Lusíadas" nem os sonetos de Camões. E nem tínhamos o gozo de viajar pelo mundo sem sair do quarto, lendo, lendo. Sem enfrentar canibais, sem o perigo de sermos comidos por uma fera, podemos percorrer a África, sem enjoar e sem o perigo de naufragar, podemos percorrer todos os oceanos. E sem gastar muito tempo! Bem o disse Emily Dickinson: " não existe nave mais veloz que o livro para nos levar a terras longínquas".

- Bem! - era outro amigo. - Eu também gosto de matar o tempo a ler.

- Outra asneira - afirmei. - Estou como escreveu o Aldous Huxley no seu " Contraponto " : Matar o tempo com um livro não era melhor do que matar faisões e o tempo com uma espingarda". A leitura não é para matar o tempo, mas para se usufruir o prazer do que se lê e para enriquecer o nosso conhecimento.

- Pois é! - disse um amigo. - Tu citaste o autor de " O Admirável Mundo Novo" e eu trago à conversa o Vitorino Nemésio para contrariar a tua teoria. O nosso escritor diz em "Viagens ao pé da porta" que " se o livro perpetua a sabedoria, também propaga a tolice. De acordo?

- Estou! - concordei. - É evidente que há maus livros. Porém, o que conta é a maioria deles. Nem todos são obras primas : uns são bons, outros assim-assim e outros até são fracos. Mas há muitos, em todas as línguas, que merecem ser lidos.

- Tudo muito bonito - interrompeu-me um amigo. - O pior é o preço dos livros. Eu também os aprecio, mas a minha bolsa não aguenta comprá-los. Só por esse motivo é que quase não leio.

- Bolas! - explodi, zangado. - Isso não te desculpa.

- Olha que esta! - exclamou. - Se não me chega o dinheiro para comprar um livro, pelo menos um por mês, que hei-de fazer?

- Vai à Biblioteca - repliquei. - À Biblioteca Pública onde não pagas nada e tens à mão, não as obras editadas em todo o mundo, mas as suficientes para leres até ao fim da tua vida. Para teu prazer e para aumentares a tua cultura. Vai e aí encontrarás os principais livros dos escritores portugueses e...

- Ora, ora! - o seu desdém era manifesto. - Para que ler os portugueses?
Não me dizes?

- Ora, ora, digo eu! Sabes o que asseverou Aubrey Bell? Que “depois dos gregos nunca um povo tão pequeno criou uma literatura tão grande”.
Falava de Portugal!

Hermes Júnior

Nota : Estas “ Conversas no Café ” foram solicitadas pelo Bibliotecário Municipal, Dr. Victor Pinho para as Comemorações do Dia Mundial do Livro, Dia 23 de Abril de 1999.



José Augusto recebe a placa em prata de Companheiro 100% do Rotary Clube de Barcelos

MEMBROS DA TERTÚLIA BARCELENSE



ANTÓNIO DA COSTA MAGALHÃES

- Tem o exame da 4ª classe.
- Faz parte do "Grupo dos 12".
- Foi director do grupo de futebol "Cerâmica da Ucha".
- Foi director e actor do grupo cénico da JAC.
- É Comerciante.

José Augusto: Admiração e estima. Sendo um homem de esquerda, tem amigos em todos os quadrantes políticos. Aprecia os seus escritos nos jornais.

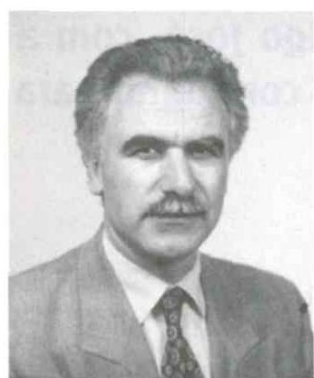


ANTÓNIO LUÍS RODRIGUES NOVAIS

- Tem a Licenciatura de Gestão de Empresas - Universidade do Minho, o Curso Complementar de Contabilidade e Administração, e os Cursos de Empresário Agrícola e de Administração e Comércio.
- É Professor do Ensino Secundário na área económico-financeira.
- É Director Financeiro de uma empresa comercial de

média dimensão.

- É assessor de diversas empresas na área económica-financeira e fiscalidade.
- É técnico oficial de Contas.
- É membro da Direcção do Instituto Português de Imprensa Regional - IPIR.



ANTÓNIO NOVAIS DE SOUSA

- Tem o antigo 7º ano dos liceus.
- É Subgerente do Banco Santander Portugal, S.A., em Barcelos.

José Augusto: Homem de cultura superior, que mantém uma jovialidade invejável, exemplo para todos nós.



ANTÓNIO DE OLIVEIRA MADEIRA

PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL

- Tem o 5º ano liceal.
- É sócio fundador da firma Carvalhos, Ventura & Madeira, Lda., desde 14/05/1974. Esta firma adoptou a razão social de Carvema Têxtil, Lda., em 1992.
- É sócio gerente - área comercial - da Carvema Têxtil, Lda.
- É membro do Lions Clube de Barcelos.
- É membro do 6ª Clube de Barcelos.

José Augusto : Singela homenagem com um abraço de amizade ao homem afável e inteligente que transmite naturalmente a sabedoria.

CÂNDIDO GOMES

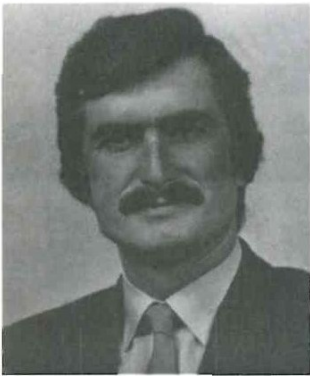
- Empresário



EDUARDO DE OLIVEIRA COSTA

- Empresário
- Presidente Director Geral do grupo de "O Primeiro de Janeiro" e do Parque Gráfico "CIC - Coraze".

José Augusto: Gostaria eu, se a fortuna me elegesse de chegar aí, Caro Amigo José, com a mesma vontade de viver e ainda com tanto para dar.



ILÍDIO DIAS DE OLIVEIRA BARROS

- Tem, como habilitações literárias, o Curso Geral de Comércio.
- Serviu o Exército Português na Arma de Infantaria, com o posto de Furriel Miliciano.
- É empresário.

José Augusto : Homem íntegro, puro, democrata convicto, tertuliano e rotário assíduo, brilhante jornalista que sempre com dedicação faz a narrativa das nossas reuniões.



**ILÍDIO MORAIS RODRIGUES
PRESIDENTE DA DIRECÇÃO**

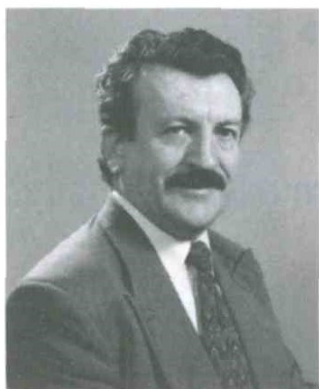
- Tem, como habilitações literárias, o antigo 7º ano dos liceus.
- É Ajudante Principal do Segundo Cartório Notarial de Barcelos
- É Vice-Presidente do Infantário de Santa Maria da Fonte de Baixo

- Foi fundador da Associação de Pais da Escola Secundária de Barcelos, da qual foi Presidente da Direcção.

José Augusto : para além de um amigo sincero e de um excelente companheiro, tem na grandeza das suas virtudes o seu segredo e na sua juventude reside o segredo da sua longevidade.

JOÃO ALBUQUERQUE

- Tem o Curso Superior de Engenharia.
- É Secretário-Geral da Associação Comercial e Industrial de Barcelos.



JOÃO VALE FERREIRA

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL

- Tem o Curso Superior de Teologia, a Licenciatura em Humanidades (Clássicas) e a Pós-Graduação em Direito de Comunicação.
- É Professor do Ensino Secundário, com Estatuto de Formador.
- É o Presidente do Instituto Português de Imprensa Regional – IPIR e o Presidente do Conselho Fiscal do

Círculo Católico de Barcelos.

- Foi fundador de diversas revistas escolares e esteve na origem, com outros, do Semanário “Falcão do Minho”.
- Publicou, em 1994, o livro de poemas “Flamas”.
- Especialista de etimologias, morfossintaxe, semântica e estilística do Português, proferiu várias conferências, orientou diversos seminários e escreveu o livro “Questões de Português”.

José Augusto : Inteligência, Amizade e Juventude.



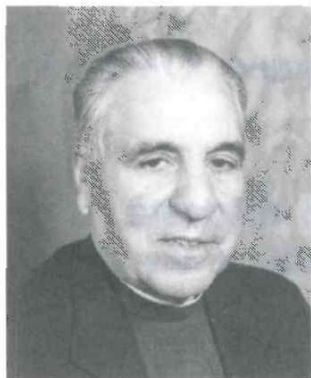
JOAQUIM SENRA DE BRITO

- Tem como habilitações literárias a 4ª classe.
- É proprietário e gerente da Pensão Vera Cruz.
- É fundador de diversas empresas do ramo têxtil, plástico e hoteleiro.
- Foi fundador da Central Rádio-Táxis de Barcelos, tendo exercido, por diversas vezes, a função de director.

- Possui a Comenda de Mérito Cultural do Pólo de Barcelos da Universidade do Autodidacta de Viana do Castelo e o Diploma de Grão Gromé pela mesma universidade.

- Foi 1º Cabo/Cozinheiro na Guiné, tendo sido condecorado pelo General Spínola.
- Foi Presidente da Junta de Freguesia de Lijó, de 1983 a 1985, tendo sido ainda secretário da mesma Junta.
- Foi deputado à Assembleia Municipal de Barcelos, de 1976 a 1979.
- Foi Presidente do Círculo Católico de Barcelos, de 1993 a 1997.

**José Augusto: Ter amigos é bom. /Saber aceitar amigos é melhor.
/Se todos assim fôssemos, /Não haveria muito pior.**



**Pe. JOSÉ MARIA DE MIRANDA AVIZ PEREIRA DE BRITO
CAPELÃO DA TERTÚLIA BARCELENSE**

- Tem o Curso de Teologia.
- É Sacerdote desde 15 de Agosto de 1943.
- Foi Pároco de Calendário, de Vila Nova de Famalicão, de 11 de Novembro de 1943 a fins de Setembro de 1961, tendo nessa data regressado à Silva para coadjuvar o pároco local.
- Foi Pároco da Silva, do concelho de Barcelos, de 26 de Fevereiro de 1962 a Setembro de 1996.



MANUEL BARBOSA DA COSTA

- Tem como habilitações literárias a 4ª classe.
- É empresário da construção civil.
- É membro do Rotary Clube de Barcelos.
- Foi secretário da Junta da Freguesia de Lijó, de 1977 a 1979, em resultado das primeiras eleições livres após o 25 de Abril de 1974 e Tesoureiro da mesma freguesia, de 1983 a 1985.
- Foi Presidente da Assembleia da Freguesia de Arcozelo, de 1991 a 1993.
- Foi deputado à Assembleia Municipal de Barcelos, de 1983 a 1985.
- Foi fundador da legalização da Associação de Lijó Futebol Clube.
- Foi Presidente do Círculo Católico de Barcelos.



MARIA ALICE MARTINS MIRANDA RODRIGUES

- Tem o antigo 7º ano dos liceus.
- É empresária.

José Augusto : É um privilégio tê-lo como amigo, porque ele é bom, simples, conciliador, alegre, querido para mim e para os barcelenses em geral.



TÂNIA REIS

– Secretária de Administração do grupo “O Primeiro de Janeiro.

José Augusto: “Sempre tão bem disposto, e de alegria contagiante, boa companhia e um amigo que estimo e gosto de ter”.



VASCO VALENTIM B. CARVALHO

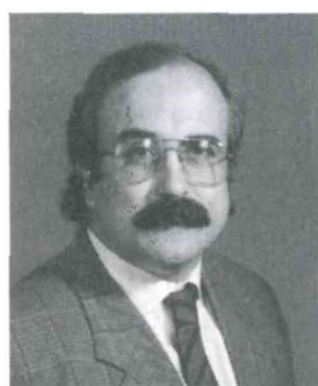
– Tem a Licenciatura em Direito e a Pós-Graduação em Direito da Comunicação.

– É Advogado.

– É o Presidente da Associação Portuguesa de Imprensa Regional – APIR, o Director do “Notícias de Barcelos” e o Presidente da Assembleia-Geral do Círculo Católico de Barcelos. .

– Foi Presidente da Assembleia Municipal de Barcelos.

José Augusto: *Bom cronista. Gostaríamos de o ter como colaborador do “Notícias de Barcelos”.*



VICTOR MANUEL MARTINS PINHO DA SILVA

– Tem a Licenciatura em História pela FLUP e a Pós-Graduação em Ciências Documentais.

– É Bibliotecário Municipal.

– É Coordenador da “Barcelos Revista”.

– É Vice-Presidente do Instituto Português de Imprensa Regional – IPIR e do Círculo Católico de Barcelos

– É Past- Presidente do Rotary Clube de Barcelos

– É Historiador, com vários trabalhos publicados em revistas e jornais.

José Augusto : *Fazer da vida uma festa, determinada pela convivência e cultura, num laço de ternura e amizade, caldeada em momentos de glória.*

Índice

O Natal e a Tertúlia	3
Notas Biográficas	11
Segredos da minha longevidade	15
Entrevista à Sic para o Programa	
Memórias do Século XX	23
Elegia ao livro – Conversas no Café	31
Membros da Tertúlia Barcelense	37

Ficha Técnica:

Presidente da Direcção da Tertúlia Barcelense: Ilídio Morais Rodrigues

Coordenadores: Dr. João Vale Ferreira e Dr. Victor Pinho

Edição: Tertúlia Barcelense

Tiragem: 500 exemplares

Barcelos, 28 de Dezembro de 1999

Impressão: CIC - Centro de Impressão Coraze

biblioteca
municipal
barcelos



33990

José Augusto

(B
92
TE